



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 5 – Política e Economia da Informação

NOTAS SOBRE AUTORIDADE EPISTÊMICA:

ENTRE PIERRE BOURDIEU E PATRICK WILSON

NOTES ABOUT EPISTEMIC AUTHORITY:

BETWEEN PIERRE BOURDIEU AND PATRICK WILSON

Márcia Feijão de Figueiredo¹ e Gustavo da Silva Saldanha²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Discute o conceito de autoridade epistêmica tendo como aporte metodológico a revisão das abordagens de Pierre Bourdieu e Patrick Wilson, em diálogo com Maria Nélida González de Gómez. Utiliza como *corpus* central as obras *O campo científico*, publicado em 1976, de Bourdieu, e *Second-hand knowledge*, de Patrick Wilson, lançado em 1983. Os autores desenvolveram conceitos sobre o tema em períodos próximos. Bourdieu publica *O campo científico* em 1976 e Wilson *Second-hand knowledge* em 1983, ambas as obras orientadas para um olhar sociológico sobre as relações sociais na ciência e a decorrente produção de conhecimento. Indica o papel da linguagem na construção da autoridade epistêmica a partir do debate e da mediação de González de Gómez. Da reflexão, é possível compreender que uma autoridade pode oferecer aos pares conhecimentos que certamente influenciam o trabalho e delineiam questões e discussões na área de atuação científica, e essa influência conduz a pesquisa e legitimidade entre os pares e na área de conhecimento. Aponta que o conceito de autoridade proporciona nas áreas de conhecimento contextos de legitimação para certas questões da ciência, trazendo quando positivo maior autonomia.

Palavras-chave: Autoridade. Poder. Ciência. Linguagem. Bourdieu, Pierre. Wilson, Patrick.

¹ Mestre e Doutoranda em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordena o Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II

² Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da UFMG; doutor em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Abstract: *Discusses the concept of epistemic authority and the methodological contribution to review the approaches of Pierre Bourdieu and Patrick Wilson in dialogue with Maria Nelida Gonzalez Gomez. Used as a central corpus works The scientific field, published in 1976, from Bourdieu, and Second-hand knowledge, by Patrick Wilson, released in 1983. The authors have developed concepts on the subject in common periods. Bourdieu publishes The scientific field in 1976 and Wilson Second-hand knowledge in 1983, both works aimed at a sociological perspective on social relations in science and the consequent production of knowledge. It indicates the role of language in the construction of epistemic authority from the debate and Gómez de González mediation. Reflection, you can understand that an authority can offer peer knowledge that will certainly influence the work and outline issues and discussions in the scientific area of expertise, and this influence conducts research and legitimacy among peers and in the knowledge area. Points out that the concept of authority provides in the areas of knowledge legitimating contexts for certain issues of science, bringing positive when greater autonomy.*

Keywords: Authority. Power. Science. Bourdieu, Pierre. Wilson, Patrick.

1 INTRODUÇÃO

Reconhecidamente, a partir dos diálogos entre os domínios da informação, da ciência, da política e do poder, a noção de autoridade coloca-se como objeto e reflexo de uma ação, com consequências éticas e econômicas no mundo contemporâneo. É o que percebemos, por exemplo, na passagem, no contexto da Ciência da Informação, no pensamento de Maria Nélida González de Gómez, de uma perspectiva epistemológica para outra, epistemológico-política. Aqui notamos o momento quando a autoridade epistêmica se coloca como um dos elementos para a compreensão dos modos como cientistas, politicamente, elaboram e fazem uso de micro e macropoderes, ou, ainda, são por estes constituídos como sujeitos na paisagem epistêmica, ocupando postos no trabalho acadêmico e científico, conquistando distinções e prestígio.

Historicamente dedicada em pensar a ciência e seus indivíduos (principalmente a partir do desenvolvimento dos estudos bibliométricos), o *ethos* informacional que estabelece as tentativas epistemológicas de afirmação de uma “ciência da informação” como “ciência” encontra, desde as primeiras aparições do discurso reflexivo do campo informacional, um interesse pela constituição do sujeito epistêmico e de seus processos e produtos, como dissertações, teses, artigos científicos, distinções, eventos, instituições, discursos. González de Gómez (2007) abre, pois, no plano epistemológico, uma possibilidade de interpretação, pela via informacional, do problema político-epistêmico da autoridade e seus meios de ação infopolítica. Do mesmo modo, a pesquisadora nos possibilita uma linha de reflexão atenta às construções, no âmbito tanto do próprio campo como em saberes paralelos, nas ciências humanas e sociais, deste debate.

Na Sociologia, a autoridade é “definida e sustentada pelas normas do sistema social e, de modo geral, aceita como legítima pelos que dela participam” (JOHNSON, 1997, p. 23). Nesse entendimento, a autoridade está ligada a posições, *status* que os indivíduos ocupam dentro do espaço ao qual pertencem, como a autoridade exercida por um policial, legitimada pela crença social. A filosofia, por sua vez, vincula o conceito e o argumento a quem detém autoridade ao valor moral conquistado. Isso pode ser observado no *Dicionário básico de Filosofia* de Japiassu e Marcondes, onde um argumento de autoridade pode ser fundado no “valor moral ou intelectual de alguém tendo certo prestígio ou exercendo certo poder” (JAPIASSU; MARCONDES, 2015, p. 22).

Quando o conceito de autoridade é pensado no âmbito das ciências, o modo de aquisição afeta as relações entre os cientistas e o reconhecimento do outro e modifica o desenvolvimento teórico de uma área de conhecimento. Consequentemente, a autoridade tende

a afetar o olhar de quem está dentro e de quem está fora do campo.

Baseando-se nessas observações, esse trabalho tem por objetivo uma discussão sobre o conceito de autoridade epistêmica, tendo como abordagem teórico-metodológica o diálogo entre os autores Pierre Bourdieu, sociólogo francês utilizado em diversas áreas de conhecimento, e Patrick Wilson, bibliotecário, filósofo e cientista da informação norte-americano, sobre o conceito de autoridade na comunidade científica. A razão pelo recorte é construída ao longo da reflexão, tendo como base a preocupação dos teóricos com a ciência e as relações entre os cientistas e o modo de produção de caráter social de seus processos e produtos, não excluindo tais indivíduos, inseridos no mundo da produção acadêmica, da produção econômico-social (ou seja, não intencionando separar sujeito epistêmico do sujeito social, principalmente no que diz respeito à abordagem bourdieusiana).

Os autores desenvolveram conceitos sobre o tema em períodos próximos. Bourdieu publica *O campo científico* em 1976³ e Wilson, *Second-hand knowledge* em 1983⁴, ambas as obras são orientadas para um olhar sociológico sobre as relações sociais na ciência e a decorrente produção de conhecimento. Assim, pretende-se nesta comunicação discutir o conceito de autoridade a partir destas obras, buscando semelhanças e diferenças nas correntes teóricas e estabelecendo um diálogo que pode ser utilizado como aporte para outros trabalhos, principalmente os que têm por objeto a produção de conhecimento científico.

Para colaborar com o desenvolvimento teórico no campo da Ciência da Informação, optou-se pela mediação da pesquisadora González de Gómez (2007), que utilizou esses e outros teóricos como aporte, desenvolvendo uma reflexão filosófico-epistemológica para pensar as novas configurações do conhecimento e o papel das autoridades nos processos de validação da informação.

A título de organização do discurso, primeiramente, o pensamento de Pierre Bourdieu é revistado com o propósito de apreender o conceito de autoridade científica desenvolvido pelo autor. São aspectos observados neste diálogo com a visão bourdieusiana do cientista: a definição conceitual de “autoridade científica”, o objetivo do cientista com a aquisição desse capital, as decorrências do reconhecimento dentro e fora do seu campo de conhecimento e as estratégias adotadas para a manutenção por parte do detentor do monopólio do capital científico e dos que almejam alcançar esse patamar.

Em seguida, apresenta-se brevemente o ponto de vista de Patrick Wilson, a questão que

³ Esse trabalho está na obra organizada por Renato Ortiz intitulada “Pierre Bourdieu: sociologia” em 1983. 1976 é o ano da publicação original.

⁴ Livro sem tradução para o português.

origina o trabalho e o que é “conhecimento de segunda-mão”. O intuito desta revisão é tecer uma apreciação da maneira como compreende o conceito de “autoridade cognitiva” (ou epistêmica) e, em específico, a relevância que uma autoridade tem no desenvolvimento das ciências, apesar de Wilson fazer uso desse conceito em outras áreas de conhecimento⁵. O espaço de atuação do pesquisador e o *locus* da produção de conhecimento e a autoridade cognitiva das ciências, entendida como “autoridade institucional científica”, são também elementos deste diálogo retrospectivo e contextualizador.

Após a descrição conceitual, uma análise comparativa é promovida buscando as semelhanças e diferenças, cumprindo o objetivo proposto, de prover o diálogo entre os autores. Nas considerações finais, descrevem-se as observações do desenvolvimento dialógico do conceito entre Bourdieu e Wilson e a visão de estudos complementares, que ampliam e podem responder até questões mais complexas sobre as autoridades nas ciências, fornecendo aportes para estudos aplicados na produção de conhecimento de áreas diversas, sendo nosso foco, neste trabalho, a Ciência da Informação.

Reconhecendo parte dos postulados históricos de desenvolvimento de uma ciência para a informação, encontra-se a forte relação de sustentação do discurso de nascimento do campo vinculada ao estudo de estruturas formais da ciência, como periódicos e encontros científicos. A informação de caráter técnico-científico é privilegiada, neste sentido histórico, em detrimento de dados sócio culturais. A conhecida “atitude epistêmico-histórica” para compor os elementos de fundação do campo termina por ampliar os modos de reconhecimento “natural” de autoridades epistêmicas, personagens que estão por trás, que administram e realizam tais estruturas, procurando reconstituir permanentemente as possibilidades de sua perpetuação. É neste sentido que a discussão impacta objetivamente o pensamento da Ciência da Informação e torna-se a direção de nossa reflexão.

Como indicado, a abordagem González de Gómez (2007) serviu-nos como elemento mediador para a identificação do objeto conceitual em pauta, a autoridade (epistêmica e cognitiva), e para a aproximação às visões pontuais de Bourdieu e Wilson. São, estruturalmente, dois movimentos: o primeiro, o “convite” conceitual aberto pela pesquisadora; o segundo, a identificação de algumas das margens teóricas de influência no campo informacional, que nos permitiria o percurso de especificidade para o recorte teórico lançado nesta reflexão.

Inicialmente, González de Gómez (2007) evoca a presente reflexão, na medida em que aponta que, em dado momento, no início da Modernidade, o conceito de autoridade seria

⁵ No livro *Second-Hand Knowledge*, Patrick Wilson destaca o uso de autoridade cognitiva na vida cotidiana e na recuperação da informação.

banido, em razão de sua relação com a condição de dogma. No entanto, sob distintas configurações, do Iluminismo ao industrialismo (ou, entre uma “revolução científica” e uma “revolução industrial” no século XVIII, refletidas pontualmente nos dois séculos seguintes) a autoridade recondiciona-se. Entre as diferentes fontes para compreensão de tal desdobramento no Novecentos, a pesquisadora identifica (segunda margem de diálogo identificada por sua abordagem e aqui investigada) as linhas bourdieusianas e wilsonianas, conduzindo-nos, no presente estudo, ao mergulho em suas ideias e à tentativa de esclarecimento de suas posicionamentos diante da noção de autoridade.

2 A AUTORIDADE CIENTÍFICA EM PIERRE BOURDIEU

Nascido em 1º de agosto de 1930 e falecido em 23 de janeiro de 2002, filósofo e sociólogo, Pierre Bourdieu contribuiu com a prática da sociologia cultural e da antropologia cultural, além de sua vasta obra ser relevante para o desenvolvimento de todas as ciências sociais (CHARTIER, 2002, p. 139). Faz parte da compreensão de Bourdieu uma epistemologia dos estudos sociais a necessidade de manter a sociologia rigorosa, buscando ter autonomia intelectual. Neste sentido, o filósofo social “devotou suas energias a construir instituições de produção científica protegidas das dependências gêmeas do comando estatal e das regras do mercado” (WACQUANT, 2002, p: 99).

Bourdieu (1983) apresenta o conceito de “autoridade científica” no livro “O campo científico” em 1976 e o define como a soma da capacidade técnica com o poder social. Em sua visão o monopólio dessa autoridade no campo científico é o que está em jogo nas lutas e estratégias ocorridas dentro desse universo. Assim, para alcançar êxito no objetivo do campo, as atividades científicas possuem “todas as práticas orientadas para a aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade, etc.)” (BOURDIEU, 1983, p. 124).

O monopólio adquirido pelo cientista, detentor de autoridade, permite definir critérios para dizer o que é ou não científico, legitimando as pesquisas conforme seu interesse. Como lembra González de Gómez (2007), co-existem condições sócio transcendentais, na perspectiva bourdieusiana de constituição da legitimidade – equivalente, na visão da pesquisadora, à noção sheriana de epistemologia social. O “círculo de legitimidade” cumpre função essencial dentro do campo,

a circulação circular dos objetos, dos métodos e, sobretudo, do reconhecimento no interior de uma comunidade [...] um universo de crenças

que encontram seu equivalente tanto no campo religioso quanto no campo da literatura ou da alta costura (BOURDIEU, 1983, p. 153).

Esse modelo de campo, ou metáfora de campo, para González de Gómez (2007), é trabalhado na modernidade e está em transição para um novo modelo, o de redes. Contudo, dentro do modelo de campo, este adotado por Bourdieu (1983) para o desenvolvimento de sua pesquisa, “remete aos ‘regna’ do conhecimento, conjugando as ideias de território, de fronteira e de domínio” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007). Assim, a aquisição de autoridade, para González de Gómez (2007), vai além do reconhecimento pelos pares. Ela resulta de e em transformações mais profundas, que alteram a produção de conhecimento.

O modelo de campo refere-se, antes que as epistemologias regionais, a espaços sociais de saberes e práticas, onde os atores lutam pela definição da autoridade epistêmica do campo, **posição central ou hegemônica onde serão definidos e legitimados os valores do campo, tais como os critérios de validade e de reconhecimento da produtividade científica**, e de que a clara instituição depende, ao mesmo tempo, do vigor da lógica interna do campo e de sua autonomia (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007, grifo nosso).

Os conflitos epistemológicos são também políticos e torna-se difícil dissociar a ciência das práticas sociais. Em outras palavras, os interesses do pesquisador são baseados nos interesses dos outros, para que contribuições gerem lucros simbólicos. Esse lucro é “propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes” (BORDIEU, 1983, p. 126-127). A autoridade é uma “espécie particular de capital social” que pode se converter em outros tipos de capital e, em um campo que possua forte autonomia, o reconhecimento vem dos pares que são concorrentes e validam a produção de conhecimento (BOURDIEU, 1983, p. 127).

O conceito de “condições sócio-transcendentais” da produção científica, de Bourdieu, seria equivalente a outros formulados na epistemologia Social (FULLER, 1988)⁶ e nos estudos antropológicos da ciência (COLLINS, 1998)⁷. Fuller (1988), afirma que existiria em toda prática científica uma “meta ciência” implícita no formato de argumentação da disciplina, que intervém como premissa tácita da **autoridade científica** na resolução de controvérsias e conflitos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007, grifo da autora).

O acúmulo de capital científico que faz do cientista uma autoridade perante os pares não

⁶ FULLER, S. **Social epistemology**: science, technology and society. Bloogmington: Indiana University, 1988.

⁷ COLLINS, H. M. The meaning of data: open and closed evidential cultures in the search for gravitational waves. **American Journal of Sociology**, v. 104, n. 2, p. 293-337, 1998.

se inicia após a inserção no meio científico, dentro do campo de conhecimento onde se estabelece. Tal acúmulo começa no período escolar desde a época do “*high school* [...]”. Deve esforçar-se em obter as melhores notas para ser admitido no *college* e, mais tarde, no *graduate school*” (BOURDIEU, 1983, p. 131), e de outras maneiras, como cargos administrativos de confiança.

Assim, Bourdieu (1983) afirma que a legitimação pelos pares não se constitui de um olhar puramente técnico, mas, na verdade, trata-se de uma condicionante dada a partir de uma “razão social” que permeia os olhares dos colegas de campo. Essa dupla face da legitimidade, Garcia (1996, p. 68) chama de “tecnocracia” que, “propalando princípios e razões puramente técnicas, vem exercendo, nas sociedades modernas, formas de controle social e político as mais sofisticadas e funcionais para as classes que detêm o poder econômico e político”.

Assim, a reputação que o cientista tem através do reconhecimento dos pares dentro do campo onde faz a pesquisa supera o olhar interno e resulta em “fundos para pesquisa, para atrair estudantes de qualidade, para conseguir subvenções e bolsas, convites, consultas, distinções (como Prêmio Nobel, *National Academy of Science*, etc.)” (BOURDIEU, 1983 p. 131).

O conceito de **visibility** que os autores americanos empregam frequentemente (trata-se como sempre, de uma noção de uso corrente no meio universitário) exprime bem o valor diferencial, distintivo, dessa espécie particular de capital social: acumular capital é fazer um ‘nome’, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum (BOURDIEU, 1983, p. 132, grifo nosso).

É importante observar que Bourdieu explica que a ideia de “ciência neutra” é uma ficção, considerada ficção de interesse dos cientistas, que se posicionam permanentemente de modo político, social, emotivo, tomando diferentes posições para diferentes situações. Diante dessa afirmação, Bourdieu (1983, p. 148) apresenta os seguintes questionamentos:

Quais são as condições sociais de possibilidade do desenvolvimento de uma ciência liberta das pressões e das demandas sociais, sabendo que, nesse caso, os progressos no sentido da racionalidade científica não são progressos da neutralidade científica?

As estratégias adotadas pelos cientistas e seus pares/concorrentes podem alterar a posição de destaque dentro do campo em que atua, e tem por objetivo manter ou alterar a estrutura contemporânea. Os dominantes ocupam as posições mais altas na distribuição de

capital científico e utilizam *estratégias de conservação* que os mantêm nesse patamar, onde a ordem científica não se altera. Em contrapartida, os “novatos” fazem uso de estratégias de sucessão, em busca de lucros dentro da ordem científica oferecida e estratégias de subversão, cujo interesse é redefinir a ordem corrente e através de investimentos arriscados e mais custosos, contra a lógica contemporânea de um sistema, propondo uma ruptura. Assim, o monopólio da autoridade científica se mantém ou altera conforme o êxito dessas estratégias adotadas (BOURDIEU, 1983, p. 133-134).

Do mesmo modo, compreende-se a afirmação de Bourdieu (ano?) que a ciência não é neutra, as relações desenvolvidas dentro do campo são passíveis de interesses pessoais, que, para manter-se em posição de destaque ou mudar da condição de novato para uma autoridade outorgada pelos pares, realiza ações e acumula capital social para alcançar seu objetivo.

3 PATRICK WILSON E O CONHECIMENTO DE SEGUNDA MÃO: A AUTORIDADE COGNITIVA NAS CIÊNCIAS

Patrick Wilson nasceu na Califórnia, nos Estados Unidos, em 1927 e faleceu em 2003, aos 75 anos. Wilson foi filósofo, bibliotecário, cientista da informação e professor emérito na Escola de Biblioteconomia e Estudos de Informação na Universidade de Berkeley, Califórnia. Além do livro *Second-hand knowledge*, Wilson escreveu *Two Kinds of Power: An Essay on Biographical Control*, em 1968, e *Public Knowledge, Private Ignorance: Toward a Library and Information Policy*, em 1977 (MACLAY, 2003).

Wilson (1983) afirma que a principal questão que dá origem ao livro *Second-hand Knowledge* é a aparente indiferença dos bibliotecários e cientistas da informação da distinção entre informação e a falsa informação (*misinformation*), dando a impressão que as bibliotecas são simples estoques de conhecimento, e os trabalhos publicados como literatura científica e acadêmica são produções de conhecimento contínuo, natural e naturalizador. O livro se propõe a examinar o fenômeno da autoridade cognitiva associado à produção de conhecimento antes de se tratar alguma situação particular profissional de informação, tornando-se um aporte para aplicação dos trabalhos dos bibliotecários (WILSON, 1983, vii).

Wilson (1983) afirma que os modos de aquisição de conhecimento pelo homem ocorrem de duas maneiras, uma é a experiência adquirida através do uso de estoque de ideias, interpretando e compreendendo o mundo sozinho e “em grande parte, o conhecimento que se adquire através das ideias e informações fornecidas por outras pessoas, o que denomina ‘conhecimento de segunda mão’” (FIGUEIREDO; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2011, p. 91).

Esse “conhecimento de segunda mão”, procurado pelas pessoas que não se satisfazem apenas com sua experiência, porém desejam o conhecimento de outros, como decidem quem conhecem e sobre o que é o conhecimento é a questão da autoridade cognitiva (WILSON, 1983, p. 10).

Apesar de a obra ter sido publicada há mais de trinta anos, a retomada dos estudos sobre o conceito de autoridade cognitiva é recente e tem sido aplicada nas atuais conjunturas de conhecimento, desenvolvido em ambientes *web* e vinculado aos estudos de comportamento de busca informacional, onde o retorno passa por etapas de validação e de julgamento avaliativo, além de fundamentar as novas formas de produção de conhecimento (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007; RIEH, 2002, 2003; RIEH; BELKIN, 2000).

Rieh (2003) observa que nas pesquisas empíricas que realizou sobre as buscas de informação em ambiente *web* existem algumas condicionantes para a validação de informações pelo critério de autoridade, como a indicação da autoridade pela própria experiência, por recomendações de “outras pessoas”, que podem ser amigos, médicos e fontes como jornais e artigos de periódicos. Essas ações validam a teoria de Patrick Wilson, principalmente as autoridades via conhecimento (sistema ou domínio de conhecimento) e pelas características das fontes e dos objetos de informação.

O termo “autoridade cognitiva” vem para explicar o fenômeno da busca pelo conhecimento de outro. Segundo Rieh (2003), Wilson utiliza o termo para explicar o tipo de autoridade que influencia pensamentos de outras pessoas, que conscientemente reconhecem como apropriados para a aquisição de conhecimento. Algumas pontuações são designadas pelo autor para descrever uma autoridade cognitiva:

- a. Autoridade cognitiva requer um relacionamento que envolve pelo menos duas pessoas; a autoridade de alguém é reconhecida por aquele indivíduo, o constitui num especialista, embora outra pessoa possa não reconhecê-la como tal; logo, é uma atribuição social de competência;
- b. Autoridade cognitiva é uma questão de [grau e/ou] formação (*degree*), podendo-se ter muito ou pouco sobre o assunto.
- c. Autoridade cognitiva é relativa à esfera de interesse e experiência de um indivíduo, em algumas questões pode-se falar com autoridade, enquanto que em outras situações pode não ter autoridade alguma;
- d. Autoridade cognitiva implica o exercício de um tipo de influência, que não está relacionada a autoridade administrativa;
- e. Autoridades cognitivas são aquelas consideradas fontes credíveis de informação (WILSON, 1983, tradução dos autores)⁸

Não há, no entendimento de Wilson (1983, p. 18), delimitação de área de conhecimento

⁸ O texto sofreu livre tradução por Figueiredo e González de Gómez em 2011.

ou de assunto para o uso do conceito de autoridade cognitiva, ao contrário, é extensivo a diversos tipos de área e pode ser aberto a qualquer questão, indefinidamente⁹. A autoridade cognitiva se difere de outros tipos de autoridade por não haver poder legitimado por instituição ou hierárquico de comando, mas da influência que uma pessoa exerce sobre a outra (WILSON, 1983, p. 14).

Outro conceito que possui clara relação com a autoridade cognitiva é a credibilidade. Atribuem-se algumas qualidades a quem designamos uma autoridade cognitiva credível, como a competência e a confiabilidade. Uma pessoa é competente se é capaz de observar algo com precisão e pesquisar com sucesso. E, do mesmo modo, é confiável se é honesto, cuidadoso nas palavras e não é inclinado ao engano (WILSON, 1983, p. 15). O conceito de credibilidade é amplo e por si mesmo cabe uma pesquisa, contudo não é o propósito desta comunicação, mas é necessário apresentar essa relação com a autoridade cognitiva porque faz parte do desenvolvimento e atribuição nas relações entre as pessoas. E esse saber produzido pelos outros - para Patrick Wilson, 1983, *Second Hand Knowledge*, expressão de um “saber de segunda mão”-, alimenta os fluxos correntes de informação e os grandes e seculares repositórios de registros dos mais diversos e remotos saberes culturais, aos mais avançados conhecimentos científicos e tecnológicos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007).

Wilson (2003) contextualiza o trabalho do cientista e a produção de conhecimento no que chama de indústria do conhecimento (*The knowledge industry*)¹⁰, como um *locus* onde grupos de pessoas que tentam produzir conhecimento de maneira sistemática, mas não necessariamente sequencial. Essa indústria também pode produzir opinião e não conhecimento, deixando questões em aberto, e talvez por isso produza tanto.

Essa indústria se compõe de pequenos grupos de especialistas que publicam os artigos com resultados de pesquisa, com intenção de mudar o pensamento de seus pares, que os avaliam conforme diferentes padrões, e sofrem mudanças imprevisíveis ao longo do tempo, conforme se alteram os gostos intelectuais (WILSON, 1983, p. 70)¹¹. O autor divide essa indústria em três grandes setores: ciência (formal e natural), história (antiga e corrente) e a crítica, e posteriormente acrescenta a tecnologia como quarto grande setor.

⁹ Wilson dedica um dos capítulos desse livro a descrever o uso da autoridade cognitiva na vida cotidiana (*Everyday life*).

¹⁰ Termo pensado a partir da obra de Fritz Machlup, *The production and distribution of knowledge in the United States*, publicado em 1962 e, segundo Wilson (1983), primeira análise econômica explícita sobre produção e distribuição do conhecimento. Wilson (1983) entende que o termo seria apenas um setor, mas localizado na parte central do trabalho desenvolvido por Machlup, voltado para a pesquisa básica e aplicada (ver WILSON (1983, p. 71), nota 1).

¹¹ Tradução livre da citação: *The knowledge industry, then, on this account, consists of numerous shifting small groups of specialists, evaluating each others' offerings according to different standards, which change unpredictably over time as intellectual taste changes* (WILSON, 1983, p 70).

Na indústria do conhecimento, a autoridade cognitiva não é atribuída apenas a indivíduos, mas a “autoridades institucionais”: livros, instrumentos, organizações e instituições. Para muitas pessoas, questões de ortografia, pronúncia ou significados são resolvidas quando se consulta um dicionário, considerado uma autoridade cognitiva absoluta. Instrumentos como relógios, termômetros ou barômetros são indiscutíveis para outros. Em outras situações, organizações como igrejas, governos, partidos políticos, são autoridades que independem dos indivíduos que ocupam seus cargos (WILSON, 1983, p. 81).

Do mesmo modo, as informações que provêm dos conhecimentos dos outros, são aceitas por nós com base na “autoridade cognitiva” não só de uma testemunha, mas também de livros, artigos e outros registros e instrumentos que são “porta-vozes” de autoridade cognitiva de seus autores ou criadores (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007).

Uma autoridade cognitiva proporciona aos produtores de conhecimento contextos de legitimação da informação, que permitem a validação por outros pares durante a avaliação em processos de busca. Esses produtos alimentam fluxos informacionais e proporcionam a ciência progresso e desenvolvimento. Na época de publicação da obra, Wilson (1983) observa que uma autoridade científica institucional tem por *locus* a comunidade científica, a instituição social da ciência (WILSON, 1983, p. 82).

4 DISTINÇÕES E SEMELHANÇAS ENTRE BOURDIEU E WILSON SOBRE A AUTORIDADE NAS CIÊNCIAS

Diante da descrição dos autores em cada seção e do uso do conceito de autoridade nas ciências, é possível apresentar algumas semelhanças nos trabalhos publicados. Assim como Bourdieu (1983) apresenta o campo científico como *locus* de relações sociais e de produção do conhecimento, dividido por áreas da ciência, algumas mais autônomas do que as outras, Wilson (1983) descreve uma indústria do conhecimento onde autoridades epistêmicas, leia-se aqui grupos de cientistas, produzem trabalhos, frutos de pesquisa e que também se dividem por setores, que se subdividem em ramos da ciência, como as ciências sociais que se ramifica em economia, sociologia, antropologia, ciências políticas, psicologia etc.

O reconhecimento entre indivíduos é outra semelhança entre as teorias aqui analisadas. No meio científico, há uma outorga legitimada pelo colega cientista da autoridade científica/epistêmica, sem que haja propriamente imposição externa. Há o reconhecimento nos dois casos de que o detentor da autoridade é um especialista e pode colaborar efetivamente na

produção de conteúdo para a área de conhecimento onde o indivíduo desenvolve suas pesquisas. No reconhecimento, observa-se que a influência no pensamento do outro é aceita e, no entendimento de Bourdieu (1983), colabora na manutenção de uma ordem científica.

Contudo, a distinção entre os autores se apresenta em definir “quem” pode se autorgar a autoridade. Bourdieu (1983) delimita ao indivíduo (pessoa) aquele que pode deter um capital social, enquanto que Wilson (1983) amplia o conceito para além do indivíduo, considerando instrumentos, dicionários e livros de referência, instituições e organizações como autoridades cognitivas. Bourdieu (1983) ainda afirma que instituições e organizações podem agregar capital social ao indivíduo, mas não o compreende como uma autoridade no campo de atuação.

Outra observação é a abrangência da teoria apresentada pelos autores, enquanto que os conceitos de Bourdieu (1983) são reconhecidos e aplicados em diversas áreas de conhecimento, observa-se que Wilson (1983) se ateve a trabalhar nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, e o conceito de autoridade cognitiva e conhecimento de segunda mão foi desenvolvido para colaborar nos trabalhos práticos de bibliotecários.

Para visualizar de modo mais simples as semelhanças e distinções entre os autores, segue o Quadro 1 conceitual utilizado por Bourdieu (1983) e Wilson (1983):

Quadro 1 - Conceitos entre Bourdieu e Wilson

UTOR	CONCEITO	DEFINIÇÃO	LÓCUS DE ATUAÇÃO & PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	AUTORIDADE
BOUDIEU	Autoridade científica	Capacidade técnica + poder social = reconhecimento, celebridade	Campo científico (entendido com uma área com mais ou menos autonomia, específico)	Indivíduo membro de determinado campo científico.
WILSON	Autoridade cognitiva (epistêmica)	Autoridade que influencia pensamentos de outros = reconhecimento epistêmico	Indústria do conhecimento (olhar amplo, panorâmico, sobre a produção científica)	Indivíduos, livros, instrumento, organizações, instituições.

Fonte: Os autores (2016).

Ainda assim, as primeiras observações aqui elencadas são apenas a ponta de uma possível pesquisa comparativa entre os dois autores, que contribuem para a epistemologia da Ciência da Informação e, em específico, como aportes para estudos de validade e de produção do conhecimento. No entanto, a partir do diálogo “mediado” por González de Gómez (2007),

podemos apontar para uma margem de aproximação crítica às abordagens, reencontrando a crítica do cognitivismo nos estudos informacionais e revisitando a questão bourdieusiana do poder por outra direção: a linguagem.

Colocadas as visões bourdieusiana e wilsoniana sob o prisma da linguagem, percebemos como a construção da autoridade perpassa um conjunto de mecanismos e ferramentas tecidos e potencializados através de fundamentos linguísticos. Bordieu (2013) alerta-nos que o *homo academicus* constrói-se a partir de uma cientificidade socialmente reconhecida, ou seja, não é a verdade que sustenta o discurso científico do “retor pesquisador”, mas a crença em sua verdade. Assim,

[...] na luta das representações, a representação socialmente reconhecida como científica, isto é, como verdadeira, contém uma força social própria e, quando se trata do mundo social, a ciência dá ao que a detém, ou que aparenta detê-la, o monopólio do ponto de vista legítimo, da previsão autoverificadora (BOURDIEU, 2013, p. 53).

O pensamento de Bordieu (2008), orientado para uma “economia das trocas linguísticas”, demonstra que a construção de uma determinada figuração do indivíduo perpassa a noção de “gramaticalidade” a partir da “aceitabilidade”, colocada a partir da apresentação de uma “língua legítima”. Esta construção comporta ainda a tessitura das relações de comunicação (também chamadas pelo autor de “interações simbólicas”) a partir de relações de força simbólica, onde o sentido do discurso está dado a partir do valor e do poder de tal discurso. Por fim, a invenção do “poder” do sujeito depende de uma competência linguística relativa ao capital simbólico, presente no locutor no âmbito de sua estrutura social (no caso do *homo academicus*, no seio de sua comunidade científica).

Assim, a “autoridade cognitiva” wilsoniana só se estabelece, no meio científico, por um viés linguístico-simbólico-bourdieusiano: a linguagem, como *práxis*, responde pela competência ou pela incompetência daquele que se coloca como legítimo retor para determinado tópico (teoria, metodologia, etc.). O domínio da gramática passa, pois, pelo domínio das condições de figuração e de circulação das regras de uma dada gramaticalidade. Bourdieu (2008) afirma que, para se constituir uma ciência rigorosa da linguagem, a linguística, por exemplo, deveria questionar não as condições de intelecção da língua, mas a questão das condições sociais de possibilidade da produção linguística.

A reflexão bourdieusiana permite uma perspectiva analítica do “poder cognitivo” em Wilson (1983) que encontra a pragmática informacional na Ciência da Informação, aproximando-se de análises realizadas por González de Gómez (1996, 2006). Trata-se de

perceber o enfoque pragmático, nos termos de Rendón Rojas (1996), como uma via de apreensão da realidade sócio informacional. Neste enfoque, a linguagem se coloca como principal elemento de fundamentação das relações, não apenas como ferramenta, mas como potencialidade reflexiva. O desdobramento, para o diálogo da reflexão sobre autoridade entre Bourdieu (1983) e Wilson (1983), é a consequente vinculação das relações de poder epistêmico à competência linguística – em termos capurrianos, diríamos, “competência hermenêutico-retórica”. (CAPURRO, 1992).

De um lado, encontramos em Wilson (1983) a possibilidade de compreensão pontual, no âmbito informacional, da manifestação material-linguística da autoridade dada a partir do caráter cognitivo. Através de indivíduos e seus livros, organizações, instituições, esta autoridade é constituída. A crítica bourdieusiana permite o aprofundamento das relações simbólicas da condição da linguagem como “força” de construção ou de destituição de uma “autoridade epistêmica”. Aqui, um conjunto de mecanismos oriundos do poder simbólico estabelece a determinação de quem pode falar, de como poder se manifestar, de quando e de onde pode se apresentar. Tais mecanismos são as estratégias de invenção da autoridade, estruturadas em uma relação de autoridade-crença.

Pelo viés bourdieusiano, compreendemos que a relação de comunicação (incluindo a aquela dita “científica”) é uma pressuposição da autoridade (componente da interação, segundo a proposição das condições sociais da linguagem). A “liturgia” da ciência se estabelece, pois, de acordo com mecanismos simbólicos que permitem distinguir os autorizados de fala dos não autorizados.

Elementos retóricos, pois, como conquistar o público, argumentar, seduzir, convencer, estão vinculados a um conjunto de pressupostos sócio históricos. O convite da análise de Bourdieu (1983) e Wilson (1983) sobre a autoridade remonta, pois, no discurso informacional, as relações entre a linguagem, a pragmática e o simbólico, conforme as análises de Rendón Rojas (1996), Capurro (1992) e González de Gómez (2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível compreender que uma autoridade pode oferecer aos pares conhecimentos que certamente influenciam o trabalho e delineiam questões e discussões na área de atuação científica, e essa influência conduz a pesquisa e legitimidade entre os pares e na área de conhecimento. Também é possível crer que o conceito de autoridade proporciona nas áreas de conhecimento contextos de legitimação para certas questões da ciência, trazendo quando

positivo maior autonomia.

O pensamento de González de Gómez oferece um plano metodológico para a compreensão das fontes de reflexão contemporâneas sobre a autoridade que se constituem dentro dos ou de fora para dentro dos estudos informacionais. Dois casos específicos relacionados pela pesquisadora foram aqui explorados, ou seja, Bourdieu e Wilson. Com o primeiro, percebemos a relação intrínseca entre capacidade técnica, poder social, reconhecimento e celebridade como constituintes da noção de autoridade científica, fundada em e por um indivíduo adepto-partícipe de uma comunidade dentro do próprio campo científico. Por sua vez, em Wilson, reconhecemos a noção de autoridade cognitiva que se estabelece a partir da influência de determinados pensamentos sobre a alteridade. Tal influência se consolida como reconhecimento no âmbito acadêmico segundo o processo de elaboração da autoridade que se dá em, para e pela construção da identidade dos indivíduos, seus livros, seus instrumentos de pesquisa, suas instituições.

Faz-se relevante demonstrar, ainda, que, para González de Gómez (2007), outros modos de constituição da autoridade hoje se impõem, influenciados, objetivamente, pela construção em rede na prática contemporânea da produção científica. Os conhecimentos em rede constituídos no contexto de “comunidades epistêmicas” múltiplas e complexas abordados por González de Gómez (2007) trazem novas questões e relações de produção de conhecimento. As demandas de transversalidade, como em abordagens inter e transdisciplinares, colocam novas exigências epistemológicas.

Por um lado, tivemos que desativar os pressupostos das epistemologias prescritivas, conforme as quais uma normativa única e universal caracterizaria e identificaria as autoridades científicas, outorgando-lhe poder resolutivo em inquéritos transcendentais - aqueles que definirão quais os conhecimentos que levarão a marca da cientificidade.

Por outro lado, teremos que colocar em suspenso aquela concepção de uma autoridade epistêmica de campo, conforme a qual definições ortodoxas do escopo e abrangência do campo ocupariam hoje um lugar normativo, semelhante ao que outrora fora ocupado por idealizações da epistemologia tradicional.

Cada vez mais frequentemente, a pesquisa tem que se desenvolver e intervir em situações de complexidade efetiva, onde a aplicação dos critérios de validade e pertinência devem responder situações de fragmentação e de agregação heterológica de pontos de vista, conceitos e teorias. Afirmamos, assim, que temos que pensar quais são as formas epistêmicas e sociais de um conhecimento em rede, sujeitas as condições de uma autoridade epistêmica distribuída - não só entre diversos especialistas e áreas do conhecimento

científico, mas também entre diversos atores econômicos e sócio culturais, implicados nas novas configurações relacionais de conhecimento e ação. (GONZALEZ DE GOMEZ, 2007).

Decerto, são questões que surgem nos espaços virtuais e proporcionados por novas ferramentas, e não previstos ainda pelos autores discutidos nesse trabalho. Mas os princípios teóricos são fundamentais para pensar esse novo modelo, e como visto em Rieh (2003) aplicável em pesquisas empíricas. Acredita-se assim que há uma possível agenda de pesquisa não apenas entre a literatura comparada entre os autores, mas de possibilidades com as novas configurações de produção de conhecimento, onde o conceito de autoridade ganha novos vetores, principalmente a partir da linguagem.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bordieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 4.

_____. **A Economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Homo academicus**. Florianópolis: ed. da UFSC, 2013.

CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND.1991. **Proceedings...** London, Los Angeles: Taylor Graham,1992.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história: debate com José Sérgio Leite Lopes. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 139-182, 2002.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Relações ou “semelhanças de família” em critérios utilizados para julgamento de informações na web. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12, 23-26 out. 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB/PPGCI, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/85/1/NELIDAEnancib2011b.pdf>> . Acesso em: 17 jun. 2016.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 64-72, maio 1976. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/414.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, set./dez. 1996.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Informação como instância de integração de conhecimentos, meios e linguagens: questões epistemológicas, consequências políticas. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (Orgs). **Políticas de memória e informação**: reflexos na organização do conhecimento. Natal: EDUFRN, 2006. p. 29-84.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 23-24.

MACLAY, Kathleen. Professor emeritus Patrick Wilson, librarian and philosopher, dies at 75. **UC Berkeley News**, Press Release, California, 24 sep. 2003. Disponível em: <http://www.berkeley.edu/news/media/releases/2003/09/24_wilson.shtml>. Acesso: 17 jun. 2014.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996.

RIEH, Soo Young. Cognitive authority. In: ANNUAL ASIST SIG USE RESEARCH SYMPOSIUM THEORETICAL FRAMEWORKS FOR INFORMATION BEHAVIOR, 3., 2003, Long Beach. **Proceedings...** Long Beach, 2003.

_____. Judgment of information quality and cognitive authority in the web. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 53, p. 145-161, 2002.

RIEH, S. Y.; BELKIN, Nicholas J. Interaction on the web: scholars' judgment of information quality and cognitive authority. In: ANNUAL MEETING OF THE ASIS, 63., 2000. **Proceedings...** p. 25-38, 2000.

WACQUANT, Loïc J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 19, p. 95-110, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n19/14625.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.

WILSON, Patrick. **Second-Hand Knowledge**: and inquiry into cognitive authority. Westport, USA: Greenwood Press, 1983.